

Menstruação e masculinidades: notas sobre a participação de professores homens em uma pesquisa sobre menstruação em escolas públicas

Naedja Cristiane Vieira Costa

Doutoranda em Ciências Sociais/Universidade Estadual de Campinas

<https://orcid.org/0000-0003-3409-2786>

naedjaveira1@gmail.com

Introdução

Em 2021, quando escrevia meu projeto de doutorado sobre gestão menstrual nas escolas, uma das minhas maiores preocupações estava na possível dificuldade que enfrentaria com o público masculino, fossem eles pais, alunos ou professores, em especial, os homens mais velhos. Naquele momento meu desejo era realizar uma pesquisa integral sobre menstruação envolvendo mulheres, homens, meninas e meninos. Porém, a névoa da dominação e poder masculino sobre os corpos das mulheres, que povoa a cabeça da maioria das mulheres adultas, me levou a agir a partir de um senso comum a respeito de nossas experiências cotidianas e dificuldades em viver a menstruação como uma experiência saudável e sem preconceitos. No entanto, grande foi a minha surpresa ao perceber que o maior bloqueio para falar sobre menstruação, que eu enfrentaria durante a pesquisa, partiria das professoras. E de repente, vi o estigma menstrual ali, declaradamente direcionando a pesquisa. As professoras, em sua maioria, não conseguiam simplesmente pronunciar a palavra menstruação, e eufemismos como “naqueles dias”, “de boi”, ou o mais recente “dignidade íntima” eram acionados para expressar a palavra proibida. No meu roteiro imaginário elas aproveitariam o espaço e a oportunidade da pesquisa para finalmente dar voz aos silêncios predeterminados com os quais somos educadas a perpetuar. Infelizmente estava errada. Suas esquivas me mostraram que havia uma dificuldade em falar imparcialmente sobre o tema, apesar das inúmeras qualificações

profissionais para o exercício da docência. Infelizmente, a mácula associada as mulheres menstruadas ainda estava presente no cenário pedagógico através das falas, das ausências e nas dificuldades das professoras. Era preciso zelo e cuidado para não machucar mais uma vez a ferida aberta.

Foi nesse cenário que vi os professores assumirem uma participação importante na pesquisa. A tensão apresentada nesse cenário modificava minha sensibilidade, meus sentidos e me ensinava a realizar um novo ritual (Favret-Saada, 2005): eu precisava aprender a fazer pesquisa sobre menstruação não apenas com a participação masculina, mas, especialmente, com apoio majoritário dos homens; e de maneira contraditória encontrei a brecha para inclusão deles na pesquisa.

Dito isto, neste artigo daremos ênfase à participação e colaboração dos professores homens em uma pesquisa sobre menstruação, como oportunidade de repensarmos sexismos e posturas essencialistas sobre os homens e a percepção sobre a solidez de uma masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013) ser impedimento para conciliação de suas contribuições escolares. É especialmente por acreditarmos que a participação masculina é imprescindível para equidade de gênero que consideramos essencial a participação deles na pesquisa, a fim de repensarmos o sexismo institucionalizado que atribui responsabilidades específicas aos papéis de gênero relacionados à menstruação, em especial no campo da educação.

Metodologia

Para realização de nossa estratégia metodológica, optamos pela pesquisa qualitativa. Dessa forma, fizemos uso do aporte teórico da Antropologia com o auxílio da pesquisa-ação (Malmann, 2015), alinhados a uma perspectiva interdisciplinar em diálogo com os estudos feministas da ciência (Harding, 1993; Sardenberg, 2001).

A princípio não havia intenção primária de focarmos nossas atenções no comportamento social das professoras perante a menstruação no ambiente de trabalho, entretanto, a dificuldade em abrir cenários possíveis para a realização da pesquisa mostrou-se tão sensível que ficou nítida a necessidade de atenção, como também as suas fragilidades menstruais. Além da reelaboração de estratégias de ação para materialização da pesquisa, foi necessário acionar os professores.

Essa investigação aconteceu entre os anos de 2023 e 2024, e faz referência à experiência vivida em quatro escolas públicas, com estudantes dos 6º aos 9º anos do ensino fundamental, sendo três escolas municipais em Mossoró/RN – Escola Municipal Professor Manoel Assis, Escola Municipal Vereador José Bernardo e Escola Municipal Joaquim Felício

de Moura e uma escola estadual em Campinas/SP - Escola Estadual Dr. Telêmaco Paioli Melges. Participaram até o presente momento na pesquisa¹ seis professores homens e duas professoras mulheres².

Nossa primeira intervenção aconteceu na Escola Telêmaco Paioli Melges, em 2023 durante o projeto PIBIC-EM³ “Menstruação e Antropologia – multiplicando possibilidades para alcançar a dignidade”⁴. Nessa primeira intervenção, devido ao pouco espaço de tempo, realizamos apenas três oficinas exclusivas para moças do 8º e 9º anos, por recomendação da escola. Nesse projeto tínhamos incluído os rapazes, mas a escola recomendou a separação e nós aceitamos. Entretanto, quando retornamos à escola no ano seguinte para apresentarmos a conclusão do projeto, tomamos conhecimento que os rapazes, ao saberem que as moças teriam orientação sobre menstruação, exigiram receber orientação sobre suas necessidades da puberdade também. Isso será tratado mais à frente.

As estratégias de ação nas escolas de Mossoró/RN contavam com um espaço de tempo bem maior, portanto, permitiu maior profundidade e aconteceu ao longo de todo ano de 2024.

Meu primeiro ato nas escolas consistiu na apresentação da pesquisa ao corpo docente, através de uma atividade de Extra regência. Nela me intrigou o fato de as mulheres ali presentes não perguntarem, indagarem, questionarem, mas silenciarem e apenas os homens participarem. É certo que o protagonismo masculino cerca o ambiente público, seja ele de trabalho ou não, mas a nulidade delas naquele momento chamou minha atenção. Com a minha entrada na escola, minha participação diária e a continuidade do silêncio por parte da maioria delas, comecei a ficar muito preocupada. Como a rotina da pesquisa seria de três meses, em cada escola, fui respirando devagar e dando tempo ao tempo, entretanto, nada mudava. Elas não me procuravam e, quando eu tentava abordar, se esquivavam e saíam, a justificativa em sua maior parte era o excesso de trabalho. Então comecei a perceber que o estigma estava muito presente em suas posturas e eu precisaria aprender a fazer pesquisa apesar da correspondência ao tabu e estigmas, que as professoras reproduziam (in)voluntariamente. Infelizmente, ao contrário do que pensei, a maioria delas não estavam disponíveis para criar um novo sistema de valores a respeito da menstruação, ou simplesmente se permitir um diálogo sobre o tema.

1 A pesquisa ainda está em andamento em uma última escola que não consta no presente relato.

2 A participação na pesquisa é voluntária.

3 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. Saiba mais em: <https://prp.unicamp.br/iniciacao-cientifica/pibic-em/programa/sobre>

4 Saiba mais em: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=175>.

Por ter consciência que a minha presença poderia inibir a atuação dos professores, dos estudantes e de toda comunidade, no primeiro mês de observação tentei me manter o mais distante possível dos espaços formalmente educativos - leia-se: salas de aula e sala dos professores. A princípio minha estratégia era ficar pelos corredores, pátios e jardins observando à distância, até o corpo escolar criar familiaridade à minha presença. Com o tempo fui me tornando comum e me aproximando devagar, das salas dos professores, dos estudantes, dos pais. Por coincidência as duas escolas onde as professoras apresentaram menor interesse em participar da pesquisa estavam sem coordenação durante uma parte da pesquisa. Na Escola Manoel Assis, a coordenadora se aposentou no primeiro mês da pesquisa, e, ao longo dos dois meses seguintes, não houve substituição. Na Escola Felício de Moura a coordenadora estava afastada por cirurgia durante quase dois meses de pesquisa, o que também dificultou a organização da pesquisa junto aos estudantes.

A participação no cotidiano escolar permitiu a observação e coleta de informações através de narrativas espontâneas, onde eram visíveis os entraves, os bloqueios e nuances sutis de suas ações e falas naquelas comunidades escolares.

Cenários para o surgimento dos estudos sobre a masculinidade

A mudança no comportamento social masculino, a respeito da importância de criar um ambiente colaborativo, menos sexista e machista, começa com a segunda onda do feminismo, oriunda das preocupações emergentes do movimento homossexual daquele momento. Neste contexto, começam a surgir denúncias de violência doméstica, assédios sexuais, desigualdade nas relações, funções e postos de trabalho, desencadeando uma crise de masculinidade que faz a classe intelectual refletir sobre a necessidade de estudar o gênero masculino nas ciências humanas (Heilborn & Carrara, 1998).

Em um segundo momento surge na Austrália o conceito de masculinidade hegemônica, a partir de uma preocupação com as desigualdades sociais, “a construção conceitual sobre masculinidades e à experiência dos corpos dos homens” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 242).

No Brasil a crise de masculinidade ganha atenção a partir da década de 90. Nesse momento são organizados seminários internacionais referentes aos direitos das mulheres e a necessidade de implementação de políticas públicas para promoção de saúde. Dessa forma, surgem temas como equidade de gênero no âmbito da reprodução, dos direitos humanos, da violência doméstica, observando também as ações da população masculina com referência à epidemia de HIV/AIDS, já que apresentava um progressivo avanço de contaminação de mulheres por seus parceiros afetivos. Assim, acreditava-se que o

discernimento masculino sobre as articulações entre sexualidade, organização familiar e relações de gênero era essencial (Heilborn & Carrara, 1998).

É também nos anos 90 que temos, no Brasil, a introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais que estabelecem as normativas dos estudos de gênero no ensino básico brasileiro, buscando conciliar os estudos de gênero e sexualidade sob um ponto de vista mais harmônico e oportuno ao cenário nacional. Naquele momento dois fatores foram essenciais para repensar a importância do diálogo sobre sexualidade nas escolas do Brasil: o primeiro faz referência ao crescimento dos casos de estudantes grávidas em idade escolar e o segundo à epidemia de AIDS/HIV, como foi citado anteriormente. Ambos os temas surgem na escola a partir de uma abordagem biológica sobre prevenção e saúde (César, 2009).

A participação masculina

Com a esquivia da maioria das professoras, entendi que era preciso aprender a trabalhar com o aparentemente indisponível e acionar outros aliados para a pesquisa. Eis que surgem os professores. Ao contrário das professoras, eles estavam sempre atentos, curiosos, disponíveis, mesmo que de forma tímida, sem saberem como participar. A intenção primária era acionar as professoras e/ou professores interessados das disciplinas de Ciências e Artes, por acreditarmos que os conteúdos dessas disciplinas estariam mais próximos do tema da menstruação. Entretanto, para minha surpresa o interesse maior partiu de dois professores de História, ambos apaixonados por antropologia. Eles demonstravam real interesse em participar e colaborar ativamente com as atividades, sempre pedindo orientações sobre como proceder e respeitando o meu espaço, o espaço das professoras e alunas. Dessa forma, eles criaram um ambiente muito oportuno ao desbloqueio das meninas para falar sobre menstruação em suas presenças e junto com os meninos. Eles organizavam as salas, conversavam com as meninas, com os meninos e procuravam criar um ambiente acolhedor, respeitoso e calmo antes da minha entrada em sala de aula. Nas escolas Manoel Assis e José Bernardo, os professores, colaboradores da pesquisa, participaram de todos os debates abertos e coletivos, buscando criar diálogos sobre o tema da menstruação com os temas das disciplinas que lecionavam. Nessas escolas nenhum deles demonstrou dificuldades em assimilar os conteúdos da menstruação às suas disciplinas. Já nas escolas Felício de Moura e Telêmaco, senti um grande medo do corpo docente a respeito da aceitação da pesquisa perante os pais preocupados, especialmente, com a intersecção menstruação e sexualidade.

Na Escola Manoel Assis, após o primeiro mês de observação à distância, iniciei a entrada nas salas de aula com o auxílio de dois professores. Um professor de língua portuguesa com as turmas dos sextos e sétimos anos e um professor de história com as turmas dos oitavos e nonos anos, nessa escola trabalhamos com 7 turmas. Foi uma experiência rica e muito importante, já que entrei nas salas de aulas, para falar sobre menstruação, em uma escola sem coordenação, com o auxílio de dois professores homens e turmas de aproximadamente 30 estudantes. A participação deles foi inusitada. Uma das estratégias de ação com os estudantes, para abordar a menstruação, era procurar entender o contexto familiar, ou seja, dialogar sobre quais memórias e lembranças domésticas os estudantes possuíam sobre menstruação. A utilização dessa estratégia surge para criar neles uma memória saudável da familiaridade doméstica com a menstruação e fazê-los perceberem que esse assunto faz parte de seus cotidianos, apesar de ser vivido pelos corpos de outras pessoas. Outra estratégia era perguntar quem já havia ido à mercearia comprar absorventes para a mãe. Nesse momento, a maioria dos estudantes tinha uma história para contar, que muitas vezes se transformava em risadas e diminuía o peso do constrangimento em falar sobre o assunto.

Foi assim que o professor de História dos 8º e 9º anos, Aristeu⁵, iniciou o debate sobre a importância da autonomia feminina, exemplificando, o fato da sua avó ter passado a maior parte de sua vida sob a tutela do marido e só ter recebido autonomia civil já depois de idosa, criando gancho para a relação menstruação, mercado de trabalho e direito das mulheres, onde conversamos sobre o programa para dignidade menstrual do governo federal⁶ e a lei 14.214/21⁷. Para contextualizar com feministas locais, citamos como exemplos: Nisia Floresta, potiguar e primeira feminista do Brasil e a mossoroense Celina Guimarães, primeiro voto feminino do Brasil, ambas professoras. Já o professor de Língua Portuguesa dos 6º e 7º anos, Pablo, dialogou sobre as gírias menstruais e ressaltou o fato de que nunca havia pensado sobre a importância de conversar com a mãe a respeito da menstruação dela. Disse que a pesquisa despertou essa curiosidade e o fez conversar com ela sobre sua menstruação na escola, e que isso o fez bem, pois o ajudou a enxergar e compreender melhor a adolescência da sua mãe.

Nessa mesma escola, a integração da participação dos professores na pesquisa, permitiu às estudantes liberdade de expressão verbal e diálogo para solicitarem abertamente suas necessidades menstruais em sala de aula, como exemplificou o professor Raimundo que leciona Artes, nos 6º e 7º anos, em uma conversa informal:

5 todos os nomes citados foram autorizados pelos respectivos professores.

6 <https://www.gov.br/saude/pt-br/campanhas-da-saude/2024/dignidade-menstrual>

7 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114214.htm

Outro dia a menina veio pedir para ir ao banheiro e disse ‘professor estou naqueles dias de mulher’ o jeito dela falar me fez pensar ‘será que ela já conversou com Naedja pra ficar à vontade assim?’ Porque pra mim isso é novo, nenhuma nunca tinha falado dessa maneira comigo (Caderno de campo, 2014).

Essa resposta positiva por parte da aluna expressa que as crianças, os estudantes e adolescentes respondem positivamente quando se sentem acolhidas, respeitadas, integradas e seguras para dialogarem sobre assuntos tratados como difíceis de serem abordados no cotidiano, com linguagem livre de preconceitos e violências veladas. Mostra, também, o início da quebra geracional no comportamento a respeito da menstruação.

A abertura dos professores ao diálogo com situações domésticas cotidianas vividas por suas mães, irmãs ou avós, abriu espaços e auxiliou as alunas e os alunos a sentirem-se mais à vontade para conversarem e partilharem suas experiências pessoais e o que conheciam sobre a vida de suas mães ou de outras mulheres da família. Tal abertura permitiu que alunas e alunos falassem abertamente sobre um assunto que, até então, era tratado a partir do segredo, do constrangimento e dos bloqueios.

Para o professor Diego, que lecionava História para turmas dos 6º anos, na Escola Felício de Moura, é muito importante a inclusão dos meninos em uma pesquisa sobre menstruação - sua fala vai na contramão do senso comum. Para ele, a menstruação não é um tema específico e exclusivo das mulheres, segundo ele, o tema envolve aspectos sociais e de saúde que são extremamente importantes para os meninos, mas que, entretanto, são negligenciados. De acordo com o professor, a participação dos meninos na pesquisa faz com que eles percebam, bem cedo, que não há uma preocupação e educação específica para eles sobre o cuidado, seja pessoal ou coletivo, como acontece para e com as meninas. Dessa forma, ao participarem da pesquisa eles percebem como a educação para o cuidado é importante, pois os ensina a aprenderem a se cuidarem, e também cuidarem das mulheres à sua volta, sejam elas a mãe, a namorada, a tia, ou apenas uma mulher que precisa ser tratada com respeito em um momento de vulnerabilidade. O professor ressalta que a preocupação com orientação sobre menstruação e sexualidade não pode ser assunto só de rapazes e moças, deve ser, também, assunto de meninas e meninos, já que os meninos também irão participar do processo de reprodução humana e precisam aprender abertamente, junto com as meninas, a terem conhecimento sobre o corpo deles e do corpo das meninas. Para ele, essa descoberta, ainda na transição infância/adolescência, faz com que eles aprendam a desenvolver inteligência emocional para lidarem com respeito e sem frustrações e/ou violências, ao corpo e à sexualidade das meninas e mulheres, em suas relações pessoais ou interpessoais. De acordo com o professor, a demora na aprendizagem sobre cuidados com

as meninas e as mulheres pode criar bloqueios emocionais, nos meninos, em um segundo momento de suas etapas de amadurecimento e pode se revelar já na transição do fim da adolescência para o início da vida adulta.

O professor também conversou sobre a importância de educar os meninos a respeito do que é ser homem e das inúmeras formas de ser homem, validando o conceito de masculinidades (Connell & Messerschmidt, 2013; Heilborn & Carrara, 1998). Em sua entrevista enfatizou que seu gosto pessoal por coturnos e roupas pretas, unhas longas pintadas de preto e vermelho, alargadores em forma de espiral e correntes prateadas, o retiram da imagem e lugar convencional do que é ser um homem digno de respeito e professor de crianças. Para ele, é nesses espaços que surgem as possibilidades de diálogo, ainda na infância/adolescência, sobre os paradigmas que imobilizam homens na vida adulta.

A prática sobre a negligência do cuidado com os meninos ficou muito evidente nessa mesma escola, onde o banheiro deles não possuía portas e, também, não havia um banheiro exclusivo para os professores, o que os fazia dividir o mesmo banheiro dos estudantes ou com as professoras. Esse dado revela a total falta de atenção e respeito aos corpos e às necessidades básicas dos estudantes ali presentes.

A negligência de cuidados com os meninos, foi o gatilho despertado pelos estudantes da Escola Telêmaco, em Campinas/SP, ao descobrirem que as meninas do 8º e 9º anos receberiam apoio institucional para orientação menstrual. A partir desse gatilho os meninos também exigiram uma roda de conversa sobre masculinidades apenas com os professores.

Diferente do que aconteceu nas escolas de Mossoró, os professores da escola de Campinas não se sentiram seguros para realizarem a roda de conversa exclusiva com os meninos, e pediram auxílio a nossa equipe de trabalho. Dessa forma, foi necessário acionar alguém externo à escola para realizarmos o diálogo com os rapazes. Contamos com a contribuição de Erico, estudante de doutorado e companheiro de Clarissa Reche, uma de nossas colaboradoras na pesquisa, para realizar o diálogo sobre masculinidades com os meninos, ele conduziu a roda de conversa na presença dos professores da escola.



Figura 1. Professores Adeilson Mendes, Marcos Mota e Carlos Daniel em roda de conversa sobre masculinidades sadias com os estudantes da Escola Vereador José Bernardo.

Acervo da pesquisadora.

Na escola José Bernardo, a participação dos professores foi total. Por ser uma escola menor, situada na zona rural e com menos alunos, os professores encontraram espaço suficiente para atender às demandas das meninas e dos meninos. Com as estudantes eles buscaram estimular a continuidade de um projeto interno sobre a criação de um dispenser menstrual para banheiros, criado por três moças do 8º ano e direcionado à participação na feira de ciências do município - FECIRME⁸, que ficou sob a responsabilidade da professora Ylana Tavares. Além de participarem, continuamente, de todas as rodas de conversa sobre menstruação com meninas e meninos. Nessa escola havia uma preocupação especial com alguns meninos que não possuíam a figura paterna em seus domicílios, o que fez os professores aproveitarem a oportunidade para estimular o diálogo sobre as fragilidades dos alunos; e como eles já haviam participado das rodas de conversa com as meninas, orientei que os deixassem livres para exporem suas necessidades. Nesse sentido a roda de conversa buscou dialogar sobre as possibilidades para construção de masculinidades sadias, e de acordo com os professores as perguntas giravam em torno das descobertas sobre a puberdade/sexualidade, o uso de armas e a violência cotidiana. Essa roda foi

⁸ Saiba mais em: <https://www.mossorohoje.com.br/noticias/50858-mossoro-realiza-vii-feira-de-ciencias-nas-escolas-nos-dias-28-e-29-de-agosto>.

realizada com aproximadamente 20 estudantes entre meninos e rapazes de 11 a 15 anos. De acordo com o professor de matemática Adeilson, o único problema foi a duração do tempo – três horas, que para ele foi pouco. De acordo com ele, o projeto o estimulou a pensar um projeto interno para dar mais atenção às necessidades e cuidados exclusivos para os meninos na escola.

É importante enfatizar que a orientação sobre sexualidade na adolescência não implica um estímulo às práticas sexuais (Heilborn, 1999) precoces, mas corresponde a ensiná-los a lidar melhor com as descobertas e mudanças realizadas nos seus corpos, e ajudá-los a viverem essa transição de forma mais respeitosa, segura, saudável e pacífica.

Por se tratar de um tema delicado, todos os professores demonstraram insegurança em abordar o tema com profundidade, exclusivamente com as meninas e moças, mesmo os que trabalham com a disciplina de ciências e lecionam as aulas do 8º ano sobre corpo, puberdade, sexualidade e menstruação. Entretanto, enfatizamos a empatia e o respeito com que participaram da pesquisa. Suas ações aconteceram através do apoio na conciliação da temática com as suas disciplinas, da presença e audição respeitosa, em sala de aula, às necessidades das estudantes, e em especial, a busca por criar espaços saudáveis e seguros para integração dos meninos e rapazes com as meninas e moças nos diálogos sobre o tema da menstruação.

Conclusão

Ao longo das investigações nas escolas observamos que a cooperação masculina ajudou a criar um ambiente diverso e propício para dialogar sobre menstruação de forma aberta, simples e segura, colaborando para diminuir entraves, desconfortos e a sombra das violências já estabelecidas pelo tema da menstruação com homens, meninas, moças, meninos e rapazes.

Portanto, a participação dos professores na pesquisa sobre menstruação mostra-se imprescindível por dois motivos: o primeiro por auxiliar a criar um ambiente seguro e respeitoso para as meninas que as ajude a ressignificar os desconfortos com possíveis julgamentos masculinos a respeito de suas menstruações; o segundo está em aprenderem a auxiliar os meninos a repensarem suas posturas sobre cuidados menstruais e de saúde para com as meninas, como também, as necessidades de saúde e cuidados deles.

É importante frisar que todos os professores respeitaram o planejamento de pesquisa e aceitaram participar, trazendo suas colaborações. Dessa forma, cada professor colaborou para criar estratégias de ação para quebrar as barreiras de acesso – o “gelo” – na sala de aula e com a temática proposta.

Ao final, todos os professores homens participantes agradeceram a oportunidade

de participação na pesquisa. Todos enfatizaram que foi importante para entenderem como podem contribuir para diminuir o tabu e melhorar suas relações com as meninas e meninos sobre a menstruação na escola.

A presença, apoio e fala dos professores corroboram sobre a necessidade de repensarmos padrões estigmatizantes que inibem mulheres em seus espaços de ação e dificultam o diálogo com os homens. Sabemos que este é apenas um recorte de pesquisa, e que, infelizmente, ainda representa um número minúsculo de ação social, mas ele nos ajuda a pensar em possíveis estratégias de mudança de padrões de comportamento e discernimento sobre papéis de gênero e menstruação.

Referências

- César, Maria Rita de A. (2009). Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. *Educar*, n. 35, p. 37-51.
- Connell, Robert. W., & Messerschmidt, James W (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*. v. 21, n. 1, pp. 241-282
- Favret-Saada, Jeanne (2005). Ser afetado. *Cadernos de campo* n. 13: 155-161.
- Harding, Sandra. (1993). A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*. p. 7- 32.
- Heilborn, Maria Luiza (Org) (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In: *Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed.
- Heilborn, Maria Luiza, & Carrara, S. (1998). Em cena, os homens... *Revista de Estudos Feministas*, UFSC.
- Mallmann, Elena Maria (2015). Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. *Cadernos de Pesquisa* v.45 n.155 p.76-98.
- Sardenberg, Cecilia M. B. (2001). Da critica feminista à ciência a uma ciência feminista? *X Encontro da REDOR*, Salvador.

Recebido em 08 de março de 2025.

Aceito em 02 de junho de 2025.

Menstruação e masculinidades: notas sobre a participação de professores homens em uma pesquisa sobre menstruação em escolas públicas

Resumo

Estigma e sexismo marcam o comportamento e pensamento social sobre menstruação, criando cenários imaginários carregados de preconceitos sobre papéis de gênero, no tocante a quem pode e quem não pode acessar pautas tidas como específicas. Dois pensamentos organizam o cenário social: primeiro, os homens, por não menstruarem, não teriam interesse no assunto e o tratariam a partir de comportamentos misóginos; segundo, por ser um assunto referente ao corpo das mulheres, deveria ser tratado exclusivamente por mulheres. Esse artigo é um relato de experiência de um recorte realizado ao longo da minha trajetória de pesquisa de campo, do doutorado que versa sobre a gestão da menstruação em escolas públicas do Brasil. Nele relato como o estigma associado à menstruação permitiu que os professores participassem da pesquisa, ajudando a ressignificar paradigmas sobre masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Menstruação; Escola; Estigma; Professores; Masculinidades.

Menstruation and masculinities: notes on the participation of male teachers in a study on menstruation in public schools

Abstract

Stigma and sexism mark social behavior and thinking about menstruation, creating imaginary scenarios loaded with prejudices about gender roles, regarding who can and who cannot access topics considered specific, menstruation being one of them. Two thoughts organize the social scenario: first, men, because they do not menstruate, are not interested in the subject and deal with it based on misogynistic behaviors; second, because it is a subject related to women's bodies, it should be dealt with exclusively by women. This article is an experience report of a segment that occurred throughout my field research trajectory, for my doctorate that deals with the management of menstruation in public schools in Brazil. In it, I report how the stigma associated with menstruation allowed teachers to participate in the research, helping to redefine paradigms about hegemonic masculinity.

Keywords: Menstruation; School; Stigma; Teachers; Masculinities.